

na galiza só en gallego

nas ruas e nas aulas
combate ao espanholismo



AGR ★

Análise sociolingüística

Para fazer um análise da situação sociolingüística actual na Galiza, temos que ter claro que a dia de hoje existe um conflito entre umha língua A (espanhol), e umha língua B (galego). Mas a esta situação nom se chegou dumha forma azarada senom que se produzirom umha série de sucesos ao longo da história que dam como resultado a Galiza do século XXI.

O princípio de todos os problemas lingüísticos chega nos Séculos Escuros (ss. XVI, XVII, XVIII), onde o galego é apartado da vida social e fica reduzido a um ámbito totalmente familiar e rural, depois duns séculos onde a língua galega era umha língua de cultura.

Os factor chave para que se chegue a esta situação é a chegada ao poder de Castela (reino do qual dependia a estas alturas o da Galiza) de Isabel “A Católica”, quem vai ter umha atitude de despreço total cara ao galego, chegando ao ponto de mandar nobres castelans para a Galiza, e que assim difundissem o espanhol.

Após estes séculos, os primeiros escritos que imos atopar em galego som do s. XIX, onde a literatura galega começa a resurgir (Rexurdimento). Mas, chegados a este ponto, seria prudente fazermo-nos umha pergunta: no nível sociolingüístico avançamos algo, ou seguimos imersos nos séculos escuros? A resposta a esta pergunta, é sem dúvidas bastante complexa.



Nos séculos escuros, como já dixemos antes, o uso da língua galega reduzia-se ao ámbito familiar e empregava-se sobre tudo no rural. Mas se olhamos a situación actual, podemos ver que o galego nas cidades tem mui pouca presenza e no ámbito público a cousa non vai muito melhor que no século XII. Por exemplo, na educación, a maioría das aulas non se dan en galego. De facto na Universidade de Compostela só som 20 por cento das aulas nas quais se usa o galego pol@ profesor/a. En conclusión, podemos dizer que a situación non mellorou muito desde o século XII até a actualidade e que aínda fica muito traballo por realizar.

O grande factor histórico do s. XX que fixo que a situación social do galego seguisse estando muito distante da que na realidade debería ser, foi a ditadura fascista de Franco, a qual aínda seguimos a pagar. Durante os anos de ditadura, o galego era considerado unha lingua de “paletos” e foi censurado totalmente nas institucións públicas e na educación. Isto implica que na actualidade há muitas persoas que non reciben ningún tipo de educación na lingua propia do seu país. Mas despois da ditadura a situación non mellorou muito e, tras unha falsa transición e un decadente estatuto de autonomía, os gobernos que ocupáron o Hórreo até o día de hoxe non souberon crear unha lei de normalización efectiva para o galego ser defendido das gadóupas do español. Pola contra, estes renegados espanholistas dedicáron-se a dar axudas aos seus amigos para que editem jornais en español e a crear institucións sem función algunha (ILGA, Instituto Ramón Piñeiro...) para verter nele os seus cadáveres políticos. Assim, desde arriba e metidos na súa burbulha de poder, rim da situación do galego e non fan nada útil para solucionar-la.

Após esta análise histórica, estamos capacitados para facer unha valoración da situación actual do galego. O galego do século XXI é unha lingua minorizada e maioritaria, é dizer, tem mais falantes no país que o español, mas por outra banda é unha lingua que na Galiza non tem o estatus social que tem o español. Veja-se como nesta sociedade da información a maioría dos medios de comunicación están



integralmente em espanhol.

Também é necessário aclarar que o termo lingüístico bilingüismo nunca se pode aplicar numha sociedade. Porque? Pois porque nas sociedades onde existem duas línguas, estas sempre están em conflito. Um conflito que já está ganhado de ante-mão pola língua maiorizada, que conta com o apoio do poder estatal e dos meios de comunicação de massas. Na Galiza, por exemplo, a língua maiorizada é o espanhol (língua A), e vai contar com todas as ajudas dos mass meia e do estado para que elimine o galego (língua B) de toda a sua base social. Aqui, ademais, vemos um caso no qual a língua foránea se apropria de ámbitos que por história lhe devêrom pertencer sempre à língua do país, o galego.

Em sociedades como a galega, quando um indivíduo usa nuns contextos umha língua e noutros outra, nom está sendo um indivíduo bilingüe; está a ser um indivíduo diglóssico, é dizer, considera que nuns contextos (superiores polo normal) tem que usar a língua espanhola e noutros (mais familiares), pode (pois é a sua) usar a língua galega. Assim, a livre eleição dumha língua por um indivíduo, de que tanto fardam senhores como Quintana ou o lingüista Monteagudo, som falsas premissas enquanto nom se consiga que o galego seja a língua maiorizada deste país.

Se analisarmos em solitário a situação da educação deste país a cousa nom muda muito: @s alun@s do rural na sua maioria som galegofalantes e, dumha forma paradoxal recebem a maioria das suas aulas em espanhol. Na cidade a situação muda um bocadinho, já que a maioria do estudantado é espanholfalante e recebe a educação na sua maioria em espanhol. Isto significa um grave problema, já que som rapazes/raparigas que tenhem um contacto com o galego quase nulo e que vam transmitir à sua descendência só o espanhol.

Para solucionar esta trava é indispensavel umha política lingüística na educação séria. Devemos lutar por um sistema educativo no que se eduque aos nenos desde cativos principalmente em galego, e combinando-o com outras segundas línguas que melhorem

4.

a sua formação cultural (espanhol, inglês, catalán...). Isto faria com que tivéssemos novas gerações de galegofalantes no mundo urbano. Ainda, dariamos prestígio à língua galega a través da sua incursão definitiva no mundo educativo.

Portanto, ainda que muitos queiram ocultá-lo, esta é a situação real que vive a nossa língua na nossa sociedade, mas o pior de todo é que não se aguarda um futuro melhor para o galego; mais bem o contrário.

Valorizaçom crítica do governo bipartido

Quando desde o ambito normalizador se tenta fazer um valanço objectivo do trabalho do desaparecido bipartido acostuma-se cair nas frase feitas e nos tópicos, sendo predominante aquela que fala de “luzes e sombras”. Nós achamos esta valorizaçom como produto dum eclecticismo vago que nom é senom resultado da dependência, já for orgánica ou simbólica, que tenhem muitas entidades políticas e sociais respeito do BNG e da mal-chamada esquerda espanhola, em contraste contra o ódio ao PP.

Nós, em troques, acreditamos na necessidade dumha crítica implacável que de posiçons autocríticas de esquerda nacional demonstra o errado da multitudom de caminhos já trilhados polo reformismo, o pactismo e demais formas de colaboracionismo. Desde estas posturas, o certo é que as sombras do governo PSOE-BNG semelham-se demasiado a carências ou renúncias no seu carácter de esquerda ou “galeguista”, e as suas luzes parecem no prisma da crítica geral e complexa meras manobras burocráticas.

Há que entender, em primeiro lugar, a inexistência de qualquer mudança legislativa durante a maioria parlamentar do PSOE-BNG, sendo todas as leis de referência para a funçom normalizadora do ensino as de governos neofascistas do Partido Popular, especialmente o famoso decreto 124/2007 “no que se regula o uso e a promoción do galego no ensino”. Lei que em nengum caso apostou, como é óbvio, em tácticas de

6 imersom lingüística ou por um ensino pleno em galego.

Tampouco é possível avaliar dumha forma positiva a aççom política deste governo a respeito de fazer cumprir dita norma legal; mas bem ao contrario, como demonstra o caso do ensinante corunhês que denunciou o incumprimento do decreto no seu posto de trabalho e que foi sancionado pola mesmo inspecçom que deveria velar polo cumprimento da legalidade. Tampouco podemos esquecer nestes dous âmbitos da praxe executiva e legislativa do bipartido, o papel traidor da auto-intitulada organizaçom nacionalista do BNG, que renunciou à Conselharia de Educaçom e à Secretaria Geral de Política Linguística no verao de 2005, a câmbio da única vice-presidência para o seu líder, Anxo Quintana.

Entremos em profundidade pois:

Ensino Pre-Escolar

Assistimos durante este quadriénio a umha verdadeira orgia e explosom de alegria ou “jolgorrio” da demogogia autonomista com a proposta dum ensino infantil plenamente em galego, as Galescolas. A pesar das aparentes virtudes da proposta, virtudes desgraçadamente amplificadas polo labor da extrema direita mediatica que com o seu alto-falante escrito e autovisual estivo pronto a compará-lo com exemplares modelos educativos como o basco, esta nasce eivado desde o começo.

Nom é muito doado de entender como umha rede de escolas infantis nom pertence à Conselharia de Educaçom senom à Vice-Presidencia de Benestar. Em teoria som umha estrutura que nasce da mao do BNG para completar o papel galeguizador do ensino infantil além da formula “o professorado

usará na aula a língua materna predominante entre o alunado” do decreto 124/2007. Formulaçom claramente insuficiente a pesar da posterior pontualizaçom de que se coidarà que a criança aprenda a “outra língua oficial” da CAG, já que este imperativo



será claramente incumprido nas zonas urbanizadas espanholizadas, ao invê que nas rurais nom-espanholizadas, onde todas as sondagens destacan a visom do ensino infantil como espanholizado.

Entenderiamos pois as Galescolas como um instrumento dos pais galego-falantes conscientes para educar às suas filhas e filhos em galego desde o ensino infantil a pesar de viverem numha população espanholizada, caso cujo paradigma é @ galegofalnte urban@.

Segundo este esquema, e se entendêsemos o cumprimento *per se* das legislaçons, as Galescolas integrariam-se principalmente em ámbitos urbanos, os menos galeguizados, e nom no rural, mais galeguizado, ao ter este assegurado a educaçom infantil em galego polo decreto 124/2007.

Ainda dando por certo o sentido antes exposto das Galescolas, som evidentes duass criticas. Umha refere-se ao carácter individual (referente à escolha dos progenitores/as), e nom colectivo nem sistémico do modelo, que foge assim de tomar umha visom totalizadora do problema línguístico e apostar na imersom línguística; renunciando assim à transformaçom global da realidade sociolínguística galega.

Aoutra critica vai ligada a esta e refere-se à nom pertença destas escolas infantis à rede da Conselharia de Educaçom. Em parte isto é devido à renúncia antes sinalada do BNG à Conselharia de Educaçom. Porém, o seu enquadramento numha Conselharia de Benestar Social invita a pensar algo mas.

Em AGIR tivemo-lo claro desde o principio, e assim o denunciámos na nossa VI Assembleia Nacional. A rede de Galescolas, ao ser dependentes da Vice-Presidência de Benestar Social, somado à renúncia do BNG a dirigir a política educativa da Junta, é umha ferramenta “do autonomismo para contentar as suas bases e constituir umha falácia de aposta pola língua”, ao tempo que servem para criar “umha rede clientelar”. Adureza destas afirmaçons nom é tanta se analisarmos com objectividade a funçom das politicas de “Benestar Social”, como a a famosa Lei de Dependência, pois só servem

para a compra do voto ao melhor postor e a demagogia mais simplista.

Prova disto é a ubicaçom e distribuiçom das Galescolas pola nossa geografia física e humana. Se a Galescola tivesse esse papel de complementar a oferta educativa desde umha perspectiva de oferta para a galeguizaçom de espaços sociais predominantemente espanhol-falantes, que devido à legislaçom propriamente educativa teria que ministrar aulas em espanhol, estarim assentadas maioritariamente em ámbitos urbanos. Porém, a realidade é distinta. Só vinte e tres das noventa e duas galescolas (o 25´6%) estão nas grandes cidades, aquelas cuja populaçom tem um domínio do espanhol total. Pola contra, nas vilas meias atopam-se trinta e quatro das noventa e duas (o 37 %), vilas entre as quais se atopa umha grande quantidade de populaçoms de mui distinto tipo; desde Ortigueira ou Ribadavia a Culheredo. No rural, por sua vez, onde o galego é ainda hegemónico mas também é onde a dia de hoje menos populaçom galega reside, estão trinta e cinco das noventa e duas (o 37´4%). Isto leva-nos a afirmar que a rede de galescolas cresce nom devido às necessidades da normalizaçom sociolingüística senom às necessidades de procura de referencialidade do BNG como força eleitoralista.

Por último dizer que qualquer comparaçom com iniciativas como as Ikastolas bascas é fruto ou da criminalizaçom que sofre qualquer tentativa galeguizadora relacionando-a com paradigmas tam estigmatizados como o basco ou da demagogia que utiliza de quando em quando o Bloco para aperentar ante a sua base social ser umha força nacionalista. E isto é assim, porque as Ikastolas som umha iniciativa social do abertzalismo, construída desde abaixo e portanto nom dependente de mudanças de governo ou dos interesses eleitorais duns ou doutros. Distinta sorte correriam agora as chamadas Galescolas se o chamado nacionalismo maioritário tomasse esta via.



Ensino primario e secundario

Neste caso também a norma referencial é o decreto 124/2007. Referente a este eido o decreto obriga à educação em galego nas áreas de Matemáticas, Conhecimento do meio natural, social e cultural, e Educação para a cidadanía e direito humanos, enquanto no secundário obrigatório seriam em galego Ciências da natureza, Ciências sociais, Geografía e historia, Matemáticas e Educación para a cidadanía. No bacharelato em troques a obriga refere-se a que cinquenta por cento da carga horária seja em galego, igual que na totalidade do ensino obrigatório, mas neste caso sem especificar as matérias.

Este programa é objecto dumha grande ofensiva por parte da ultra-direita espanhola mais extremista, respresentada a nível associativo por esse invento fascistoide chamado Galicia Bilingüe. A pesar deste campanha mediática que estamos a sofrer, o certo é que o incumprimento desta norma legal é quase total. Um dos ultimos inquéritos realizados sobre esta questom, realizado por um grupo de professores/as universitari@s na zona de Vigo (paradoxalmente onde se atopa a maior parte da base social de GB), afirma que só 25% dos centros cumprem este decreto; percentagem ainda maior nos centro privados que a progressia governante até o de agora em Sam Caetano foi incapaz de dismantelar.

Ao mesmo tempo há que fazer umha análise de fundo deste modelo de educação normalizada em galego. De AGIR achamos que, embora este modelo fosse realmente aplicado, as carências seriam demasiado grandes se o que estamos a falar é dum ensino que trabalhe a prol do monolíngüismo social, que nós defendemos. Em nengum caso esta normativa aprovada por todas as forças políticas institucionais da Gaiza, incluída o BNG, contém nengumha aposta por modelos de imersom língüística ao jeito do que se esta a realizar nas Comunidades Autonomas Basca e Catalá, e reiteradamente recomendado desde o Conselho de Europa.



Ensino Universitario

À hora de analisar a açom do bipartido na questom da língua dentro do Sistema Universitario Galego devemos unicamente sinalar a inexistência de nengum tipo de mudança de politica nem tam sequer formal à hora de tratar fazer da Universidade radicada na Galiza, umha Universidade Galega, umha Universidade em Galego. É incrível por exemplo que na maior estrutura educativa deste país, a USC, a existência de aulas ministradas em galego seja inferior nom já ao uso do espanhol, senom também inferior ao conjunto de aulas ministradas noutras línguas estrangeiras (!!).

Novas como esta que a qualquer galeg@ lhe causariam verdadeiras nauseas e que a nós, como militantes da Esquerda Independentisa, nós fazem acreditar ainda mais que esta nom é umha Universidade Galega. Enfim, na caste política deste país, que se define como de esquerdas e nacionalista, nom existe iniciativa qualquer para implementar políticas a este fim.

O sistema universitário galego é, agora mesmo, um ninho de burocratas e cientistas frustrados, mais um espaço para a negociaçom de influências dos tres partidos dominantes, etcétera...; Nem sequer é quem de anunciar ou dar aparência de preocupar-se polo devir do nosso maior sinal de identidade.

Além de presupostos formais, tirados de qualquer outro texto legal de referência, que nom passam de sinalar que “a lingua galega é a lingua propia da Universidade de Santiago de Compostela”, as forças politicas do arco parlamentar do Hórreo, que também obstentam os bastons de governo nas diferente Reitorias do país, nom realizárom nengum tipo de transformaçom do contexto línqüístico das aulas universitárias.

Ainda menos, quando os discursos e práticas galegófbas se mantemem nas facultades da nossa pátria e tomam força devido à ofensiva mediática, os poderes politicos e administrativos som incapazes de practicar nengumha sançom enquanto que os seus correlativos estudantis se batem em retirada, abandonando posiçons históricas próprias e do conjunto do Movimento Estudantil Galego.

Perspectivas sobre o galego no ensino

Após a campanha eleitoral mais beligerante contra a nossa língua, e o triunfo pola mínima do Partido Popular, achamo-nos num contexto novidoso na recente história do post-franquismo na Galiza. O fracasso eleitoral, particularmente do BNG, tem-se saldado com a recuperação pola ultradireita espanhola das instituições legislativa e executiva da Comunidade Autónoma.

O problema, como organização estudantil, e respeito à temática lingüística que centra este caderno de estudo e análise, radica na assunção pública por parte do novo presidente da Junta das receitas mais drásticas do populismo galegofobo. A priori, todo cotinuará desafortunadamente igual para o galego, numha odisseia pola sobrevivência cultural ininterrompida desde o golpe militar do ano 1936. Porém, todas as luzes apontam agora ao ensino como principal campo de batalha entre duas línguas em permanente conflito no nosso País.

Umha, pola carga simbólica das escolas infantis promovidas desde a vicepresidência da Junta por Anxo Quintana.

Duas, polo cámbio de ritmo do PP respeito da política lingüística marcada na Lei de Normalização aprovada por unanimidade no seu día. O novo decreto para promover formalmente a presenza do galego na escola até as quotas indicadas na Lei rebotou em importantes sectores económicos e sociais da



burguesia, que retomárom a pressom social contra a língua nacional artelhando numerosos “chiringuitos” ultras que dizem organizar-se contra a imposiçom do galego.

Os e as estudantes da esquerda nacional temos mais necessidade do que nunca de preparar-nos para o pior, e saber reagir a tempo. AGIR é a única ferramenta organizativa existente que tem demonstrado nestes anos um discurso coerente, desacomplexado e claro respeito da língua na escola: monolingüismo e reintegracionismo. Para aprendermos, a nossa língua sobra.

Nas ruas e nas aulas, Sempre em Galego

As mesmas e os mesmos que construímos poder desde os bairros, os centros de trabalho, as escolas, os fogares (desde abaixo), @s mesm@s que somos qualificad@s de terroristas por manter viva a tensom social num contexto de conflito lingüístico que ameaça de morte o nosso idioma, as mesmas e os mesmos que fazemos real o ser jovem como sinal de rebeldia e de transgressom, como sinal de vida e de colorido..., somos quem agora nos propomos como continuar a luita desde as assembleias que artelham AGIR.

Nom só nas ruas, mas também trasladando às aulas e centros de ensino em geral, e ao debate entre a juventude estudantil nomeadamente, a realidade: perda de falantes, castrapizaçom e ritualizaçom dos usos da língua. Diglóssia.

Futuro inmediato da política autonómica

O Decreto autonómico 124/2007, aprovado no Parlamento galego com os votos de PSOE e BNG e a oposiçom do PP, enfrenta agora um trecho sinuoso do qual nom sabemos ainda



como sairá parado.

Seja como for, de AGIR comprometemo-nos a instar com esta campanha à mocidade a agitar-se contra a progressiva desaparición do galego. Desaparición que nom semelha ter mui preocupadas inúmeras institucións autodeclaradas galeguistas e que vivem de subvençons por defenderem umha cultura cujo principal sinal de identidade é manejado polos políticos espanhóis como um ferro ao quente do qual todos pretendem desfazer-se, deitando-o no caixote dalgum museu de antigüidades.

A Real Academia Galega (RAG), o Consello da Cultura Galega (CCG), o Instituto da Lingua da USC (ILGa), som alguns destes elementos, que nom apoupam abraços e bem-vindas ao novo presidente da Junta. Curiosamente, o mesmo indivíduo que tem declarado a guerra à imposición do galego (?), numha batalha em que os verdugos se enfeitam como vítimas, e os “titores” da língua nom querem inmiscir-se em “questons políticas”, deixando ao léu o seu sectarismo academicista e o seu confortável aburguesamento pacifista.

Em matéria de idioma, podem sangrar-nos até a dialectalizaçom e o isolamento absolutos, que os eminentes catedráticos, senhorias e excelências nom vam dizer umha palavra mais alta que outra. Estamos mais sós do que aparentam tantas siglas e tanto orador da TVG? Quiças, mas nada melhor para conquistar os objectivos da nossa luta que descobrir onde está cada quem. Nada melhor, por exemplo, que descobrir quantos académicos da RAG (que aterraria o seu primeiro presidente, Manuel Murguía) vivem por “defenderem o galego” enquanto só sabem falar castelhano na sua vida privada.

As eleiçons: o motor do BNG

Nesta conjuntura, a esquerda independentista apercebeu como a atitude do mundo do BNG se adequa às prioridades governativas. Após 4 anos de continuismo na cabeça da Junta, a renovada oposiçom do Hórreo já tem colocado na frente de batalha as suas

4

estruturas em defesa do idioma. Muitos esforços estám-se a centrar no vindouro 17 de Maio, de cara a umha manifestaçom multitudinária que demonstre a capacidade de pressom do autonomismo para nom recuar nas duas conquistas principais (ou serám as únicas?) do governo bipartido: o citado Decreto e as Galescolas. Um e outra, declaradas principais inimigos do Partido Popular durante a campanha.

Avolta às ruas do mundo normalizador relacionado com o BNG poderá massificar dumha forma eloqüente a resposta de importantes sectores do nosso País às ameaças espanholistas do PP. Ainda, evidenciará-se a distância existente entre a capacidade mobilizadora do fascismo antigalego respeito da capacidade nacional-popular galega em questom de língua. Porém, AGIR aposta firmemente desde a nossa fundaçom numha estratégia monolingüista e reintegracionista, sem complexos, que dista muito desta praxe meramente reactiva e seguidista, construída de arriba abaixo: da política no governo às manifestaçoms no seu apoio; da desmobilizaçom quando se manda à ofensiva quando nom.

A nossa alternativa: alargar a auto-organizaçom do estudantado monolingüe

Se bem que como colectivo também tomaremos parte este 17-M dos actos em defesa da língua, nom o faremos pola primeira vez, nem tampouco com o carimbo “oficial” de testaferrós da política de Quintana, senom como jovens estudantes que queremos dinamizar a escola desde a sua matriz estudantil para recuperar essa mesma tensom que também pulamos por ver nas ruas.

A tensom da mocidade galega, já maioritariamente castelhanao-falante de língua materna, e abafadoramente castelhanao-falante de língua escolar, organizada por e para mudar o rumo das cousas.

Polo nosso direito, como galegos e galegas, a goçar dumha escola nacional veiculada na única língua deste Povo. Umha língua que já toca recuperar, nom apenas normalizar. E nesta tarefa cumpre implicar-nos tod@s, também os milhares de estudantes, maioria a dia de hoje, castelhanizad@s “por força da liberdade de eleiçom” que utilizam alguns como farsa para acabar com o galego.

O objectivo é claro: todas e todos, castelhanizad@s polo ensino espanhol ou utentes do galego em circunstâncias claramente adversas, queremos viver em galego, queremos umha escola em galego, e queremos que o folklore, a ritualizaçom do seu uso, a sua dialectalizaçom, o desleixo a que se sobmete, e os legalismos sem plasmaçom na realidade, sejam desterrados. Para que nós, @s noss@s compañeir@s, e as geraçoms

que aí venhem, nom tenham que padecer a manipulaçom politiqueira dum idioma universal que se ensina na sua terra de origem como umha língua estrangeira castelhanizada, deturpada e medíocre, sem utilidade nengumha além das panxolinhas de Natal ou os perversos rituais de concursos oficiais. Para que nós, @s noss@s companheir@s e as geraçons que aí venhem nom tenham as dificuldades que tem a nossa geraçom para enfiar duas frases bem ditas e/ou escritas na língua do nosso País.

Que fazer? Muitas cousas desde a autoorganizaçom

A melhor ferramenta que temos para combater o presente é a unidade organizativa do estudantado em chave nacional e social. Conhecer as múltiplas actividades que em defesa do galego e em favor da sua dignificaçom podemos fazer desde o instituto até as faculdades. Juntos e juntas, despertando do sonho do auto-ódio e da marginalidade forçadas, fomentando a participaçom em assembleias abertas de alun@s, podemos levar adiante numerosas iniciativas para conhecer a história da nossa língua, aprendermo-la na prática, levá-la aos mais novos e novas, exigir os mínimos legais de uso, aprender outros idiomas a partir do nosso, fomentar o seu conhecimento entre os demais sectores da escola (professorado, AMPA's, pessoal nom docente), combater a galegofobia entre o professorado, elevar a autoorganizaçom a ámbitos extraescolares, tecer ligaçons com o mundo da lusofonia, colocar o galego em diversas actividades impermeáveis à galeguizaçom nom “castrapeira”, como os desportos, a cozinha, o transporte, o sexo, a ciência, etcétera...

Só assim descobriremos o fácil que é realizar-nos individual e colectivamente como galegas e galegos sem complexos, e sem mais necessidades para a comunicaçom e o entendimento que a nossa língua secular e universal.

Com um ou umha jovem com ganas de defender o galego, ou um pequeno grupo disposto a fazê-lo, poderemos comprovar que a sua aceitaçom é maior da que se percebe sob o império da “liberdade” de eleger espanhol, ou nom ser nada. E comprovaremos

também como naturalmente se espalha e se reproduz umha nova fonte de relacionamento, a galega, abrindo-nos um espaço vital de galegos e galegas conscientes, rebeldes, e defensores/as das culturas e dos Povos do mundo. Começemos defendendo o nosso!



Δ GITA Δ
edições

Colecção por um outro ensino